



Pré-campanha imersa em múltiplas turbulências

Escolhido pelo pai para ser candidato à Presidência, Flávio Bolsonaro vive momentos de tensão, com denúncias contra ele, críticas de aliados, e apoiadores alvo de ações policiais

» RENATO SOUZA
» DANANDRA ROCHA

Amenos de 20 dias das convenções partidárias, a campanha do pré-candidato à Presidência pelo PL, Flávio Bolsonaro, passa por nova turbulência. Alguns expoentes do partido dizem, nos bastidores, que o nome do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro não está confirmado como o nome da sigla no pleito deste ano. Ontem, a crise envolvendo o senador ganhou novos contornos após críticas de um aliado. Fábio Wajngarten, ex-ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência, defendeu reformulação imediata da equipe de campanha do parlamentar.

Em publicação nas redes sociais, Wajngarten fez um apelo direto ao presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto: “Caro presidente Valdemar, time que não performa tem que mexer”, escreveu. Na sequência, sugeriu mudanças na estrutura da campanha, com a nomeação de Marcello Lopes, o “Marcelão”, para a coordenação-geral; Duda Lima para a Diretoria de Operações da Comunicação; Walter Longo para o planejamento estratégico; e Antônio “Toninho” para a direção de criação.

A manifestação também propõe maior protagonismo para representantes de segmentos considerados estratégicos para o eleitorado conservador. O ex-assessor de Bolsonaro defende que lideranças católicas, evangélicas, do agro-negócio, da segurança pública, da área médica, da educação e do varejo passem a participar de reuniões semanais, com atualizações diárias sobre a campanha.

“Chega de erros, chega de ruídos, chega de quem não conhece nem gosta do bolsonarismo. Ninguém quer mais o PT”, escreveu.

A cobrança intensifica o período de turbulência na pré-campanha de Flávio. Nas últimas semanas, a equipe enfrentou desgastes provocados pela repercussão do caso envolvendo o empresário Daniel Vercaro e o Banco Master, mudanças na área de comunicação e divergências internas que culminaram na saída de Marcello Lopes da coordenação

Reprodução/YouTube Flávio Bolsonaro



Flávio foi acusado pela madrasta de misoginia e teve o nome envolvido no escândalo do Master

da campanha. O **Correio** entrou em contato com Valdemar Costa Neto, mas não houve resposta até o fechamento desta edição.

Outro capítulo da crise envolve a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que pode ser candidata ao Senado pelo Distrito Federal. Em vídeo publicado nas redes sociais, ela acusou o enteado de misoginia. afirmou que foi “desrespeitada” e “humilhada” por ele durante uma ligação no fim do ano passado. O motivo da hostilidade foi a oposição de Michelle ao apoio do partido ao ex-governador Ciro Gomes no Ceará. A ex-primeira-dama alegou, também, seguir orientações do marido, Jair Bolsonaro. No entanto, de acordo com Michelle, Flávio Bolsonaro se irritou, e ambos tiveram uma discussão por telefone. Dias depois, a ex-primeira-dama deixou a presidência do PL Mulher.

Ontem, em coletiva de imprensa, Costa Neto disse esperar uma reconciliação entre os dois brevemente. “Nesses 20 dias, deve ter uma reaproximação da Michelle Bolsonaro com o Flávio. A Michelle é uma pessoa especial, fez

um trabalho com as mulheres do Brasil que nunca ninguém teve essa oportunidade. Ela conseguiu isso não por causa do tamanho do partido, mas por valores pessoais dela”, argumentou.

Talento

Costa destacou esperar que Michelle seja candidata nas eleições deste ano. “Ela tem talento, e precisamos dela com a gente. Não podemos sair brigando dentro de casa. Temos que ajustar isso aí nos próximos 20 dias, pois a nossa convenção nacional é dia 25. Ela tem passado por situações com o marido dela que descontrola qualquer pessoa. Hoje mesmo a Polícia Federal esteve lá. Eles não têm paz”, completou, numa referência à operação de busca a apreensão da PF, autorizada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em busca de eventuais armas na casa do ex-chefe do Executivo.

Outro fator que preocupa a campanha de Flávio é a prisão do ex-prefeito de Belford Roxo e pré-candidato ao Senado pelo União Brasil, Márcio Canella. Ele foi detido em flagrante, na terça-feira,

após a Polícia Federal encontrar um fuzil em um carro ligado a ele durante a 6ª fase da Operação Unha e Carne.

Canella era inicialmente alvo de um mandado de busca e apreensão. Porém, foi preso após a localização do fuzil 556, de uso restrito. Além disso, é suspeito de envolvimento em um megas esquema de lavagem de dinheiro, que teria usado postos de combustíveis para movimentar R\$ 7,6 bilhões no Rio de Janeiro. Canellas era o nome defendido por Flávio para o Senado pelo estado.

Além disso, as ligações com o aliado em solo fluminense vão além do apoio político. A ex-vereadora Rogéria Bolsonaro, mãe de Flávio, é a primeira suplente na chapa ao Senado de Canella. O acordo para a indicação dela na composição foi costurado pelo próprio senador. Rogéria também é mãe de Carlos e Eduardo Bolsonaro, exerceu dois mandatos como vereadora no Rio entre 1993 e 2000. A presença dela na chapa ressalta a importância da aliança do ex-prefeito com o grupo bolsonarista.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Isolamento político de Lula pode favorecer oposição no 2º turno

Divulgada ontem, a pesquisa Meio/Ideia de julho permite uma leitura incômoda para o Palácio do Planalto: por ora, o risco para a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva não é o surgimento de um adversário competitivo carismático ou capaz de atrair o centro político e viabilizar a terceira via no primeiro turno, mas a persistência do seu próprio isolamento político.

O problema central do presidente não é apenas a existência de um campo opositorista numeroso e ideologicamente alinhado contra ele; é a combinação entre um teto eleitoral aparentemente consolidado e o não surgimento de uma candidatura com a qual possa se alinhar no segundo turno.

O desafio de Lula é a incapacidade de desidratar a direita fragmentada, antes que ela se recomponha no segundo turno. O pior dos mundos, portanto, não é enfrentar um “supercandidato” conservador. É continuar preso a uma espécie de soberbo isolamento, confiando demais na força do próprio recall eleitoral e menos na necessidade de reorganizar uma maioria política e social mais ampla.

Os números da pesquisa mostram isso. Na espontânea, Lula aparece com 32,8%, contra 20,3% de Flávio Bolsonaro, mas o dado mais eloquente é o tamanho do eleitorado ainda desorganizado: 33,1% dizem não saber em quem votar, e 8,5% apontam branco, nulo ou ninguém. Ou seja, mesmo liderando, Lula não ocupa o espaço inteiro do jogo; ele mantém um núcleo robusto, mas ainda longe de qualquer posição confortável.

Na estimulada de primeiro turno com Flávio Bolsonaro, o presidente tem 40,4%, contra 32% do senador, enquanto Ronaldo Caiado marca 4%, Romeu Zema 2,5%, Aécio Neves e Renan Santos 2% cada, Augusto Cury 1,5% e os demais percentuais residuais. O dado decisivo está no fato de que, somadas, as candidaturas opositoristas ultrapassam o campo bolsonarista puro e demonstram a existência de um eleitorado anti-Lula maior do que o voto individual de qualquer nome da direita.

O analista político mineiro Roberto Reis, especialista em cenários eleitorais, destaca o padrão dos demais levantamentos nacionais do período. No AtlasIntel/Bloomberg do fim de junho, Lula tinha 46,3% no cenário de primeiro turno, enquanto a soma dos adversários chegava a 50,3%; no Datafolha, 41% a 48%; no BTG/Nexus, 42% a 49%; no Quæst, 39% a 42%; no Real Time Big Data, 38% a 53%. Não é mais um detalhe estatístico, mas uma tendência que se consolida: a oposição, desunida, não consegue transformar esse excedente em candidatura hegemônica, porém o lulismo já não consegue monopolizar o eleitorado “anti-Bolsonaro” como fez em 2022.

Por isso, o presidente Lula continua competitivo, mas seu desempenho está estagnado. A pesquisa Meio/Ideia mostra como esse equilíbrio é mais frágil do que parece. No segundo turno contra Flávio Bolsonaro, Lula vence por 45% a 40%, com 10,5% de branco/nulo e 4,5% de indecisos. É vantagem real, mas curta para quem ainda dispõe da máquina, do Nordeste e da lembrança de ter derrotado o bolsonarismo clássico.

Sem uma onda

O mais importante é que esse placar circunscreve a própria expectativa de poder de Lula, o que complica a articulação dos palanques regionais. Na série histórica do instituto, Lula oscilou de 46,2% em janeiro para 45% agora, enquanto Flávio saiu de 36% para 40%, sinal de que a disputa se estreitou e de que o senador, mesmo com todas as limitações, mantém capacidade de retenção do eleitorado de direita.

Entre os homens, Flávio vence Lula por 46,3% a 39,2%; entre os jovens de 16 a 24 anos, por 45,7% a 33,3%; no Norte, por 49,2% a 33,6%; no Sul, por 54,1% a 16,8%; entre evangélicos, por 61,1% a 18,7%; e entre quem ganha mais de cinco salários-mínimos, por 47,9% a 37,6%. Lula compensa isso com ampla vantagem entre mulheres — 50,4% a 34,2% —, no Nordeste — 62,7% a 24,7% —, entre católicos — 55,2% a 31,9% — e sobretudo na base de renda até um salário-mínimo, onde lidera por 58,8% a 28,4%.

Esse mapa confirma que Lula segue forte onde o lulismo historicamente sempre foi forte: mulheres, baixa renda, Nordeste e segmentos religiosos não evangélicos. Mas também que esse capital não basta, por si só, para produzir uma onda vitoriosa. Há um teto visível. Lula está estacionado. E a eleição de 2026, como sugerem as pesquisas, pode deixar de ser um plebiscito sobre o bolsonarismo e se transformar num referendo sobre a capacidade — ou incapacidade — de o presidente tecer uma ampla coalizão social, que atraia as alianças políticas locais.

É um cenário esquisito. A direita brasileira chega à convenção eleitoral fragmentada e capenga. Flávio tem recall e máquina digital, mas enfrenta resistências internas e uma campanha errática. Caiado tem experiência, mas dificuldade de capilaridade. Zema perdeu centralidade. Renan Santos tem energia, mas pouco tempo de TV e pouca estrutura.

Michelle Bolsonaro aparece como um ativo poderoso, mas não consensual. No primeiro turno, em cenário com seu nome, Lula marca 40,4% e ela 29,4%; no segundo turno, o presidente venceria por 45% a 36%. O maior equívoco para Lula será interpretar a fragmentação adversária como irreversível. Se o Planalto concluir que a direita, por estar dividida, está condenada à derrota, cometerá talvez o erro mais grave da campanha. A oposição ainda pode se reorganizar no segundo turno.

INVESTIGAÇÃO

PF apreende espingarda de Bolsonaro

» DANANDRA ROCHA
» IAGO MAC CORD

A Polícia Federal apreendeu uma última arma que estava em nome do ex-presidente Jair Bolsonaro, na ação deflagrada, ontem, para busca e apreensão dos itens.

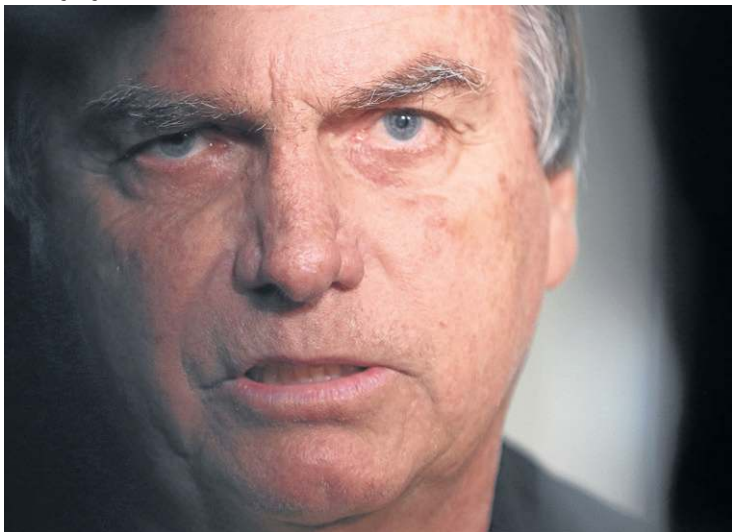
Trata-se de uma espingarda Maestro Arms Company que estava sob guarda de uma empresa de armamentos do Rio Grande do Sul. Após ter realizado busca e apreensão na residência do ex-presidente durante a manhã, a PF localizou essa arma na residência de um dos responsáveis pela empresa, na cidade de Cachoeirinha (RS), e a apreendeu.

A defesa de Bolsonaro havia comunicado ao Supremo Tribunal Federal (STF) que a espingarda estava com a empresa, mas não chegou a fornecer a localização exata do item nem a documentação que comprovasse isso.

O ministro Alexandre de Moraes determinou a ação de ontem para tentar localizar outras armas que estava em propriedade do ex-presidente, após a apreensão de uma pistola em uma blitz da polícia do Distrito Federal. Nada foi apreendido na residência.

Ao determinar a diligência,

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Agentes foram à casa do ex-presidente por ordem do Supremo

Moraes disse que “sobrevieram aos autos informações indicando divergência entre o quantitativo de armas de fogo regularmente registradas em nome do apenado e aquelas efetivamente entregues aos órgãos competentes”.

“Circunstância que evidência, em tese, o descumprimento da determinação judicial e recomenda a adoção de providências destinadas à localização e apreensão dos armamentos eventualmente mantidos sob o

poder do condenado”, acrescentou.

Embora Bolsonaro esteja sob prisão domiciliar humanitária, Moraes enfatizou que a manutenção de armas de fogo em seu poder é incompatível com as ordens judiciais vigentes, especialmente após a defesa não apresentar documentação idônea que comprovasse o paradeiro de itens específicos, como uma espingarda, agora sob poder da PF.

O embate jurídico revela uma triangulação entre o Judiciário, o

Exército e a PF para rastrear o acervo bélico do ex-presidente. Enquanto o Exército confirmou a entrega de seis das oito armas vinculadas a Bolsonaro, que estavam sob sua custódia, restaram dúvidas sobre a localização de mais itens.

Diante da “discrepância entre as informações”, Moraes determinou a busca domiciliar para localizar não apenas as armas, mas também munições e documentos de registro, ressaltando que a inviolabilidade do domicílio não é um direito absoluto e não pode servir de escudo para o descumprimento de decisões judiciais.

A operação foi criticada por familiares e aliados de Bolsonaro. O senador e pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ) classificou a ação como uma “cortina de fumaça” e um “constrangimento danado”.

Advogado do ex-presidente, João Henrique de Freitas sustentou que a operação foi injustificada e “lamentável”, reiterando que nada de irregular foi encontrado durante as buscas. Segundo o defensor, o paradeiro de todas as armas já havia sido comunicado previamente ao STF, tornando a nova diligência desnecessária. **(Com Agência Estado)**